

# ENTREVISTA À ARQUITETA VERA PIRES

Da Série “Mulheres Arquitetas” – Parte I: Arquitetas Nordestinas

Por

**VELOSO, MAÍSA**

Editora-chefe

\* Entrevista realizada em abril de 2021.

## APRESENTAÇÃO<sup>1</sup>

A arquiteta Vera Pires (Figura 1) nasceu em Sousa, Sertão da Paraíba e graduou-se pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) em 1971, formação complementada por uma incisiva atuação no escritório de Acácio Gil Borsoi e Janete Costa, em Recife.

É sócia fundadora do escritório Arquitetura 4, surgido em 1972, em parceria com as arquitetas Carmen Mayrinck, Clara Calabria e Liza Stacishin. O Arquitetura 4 foi o primeiro escritório de Pernambuco formado exclusivamente por mulheres, com ampla produção reconhecida durante seus 25 anos de existência, abarcando desde arquitetura residencial (mais de uma centena de projetos e obras de casas construídas em vários estados do Brasil), até edifícios residenciais, hotéis, hospitais, agências do Banco do Brasil e da Caixa Econômica Federal construídas em diversas cidades do Nordeste, e o edifício sede da Caixa Econômica Federal em Recife (atual Tribunal de Justiça Federal). Inúmeras publicações, participações em congressos e exposições e premiações certificam a qualidade dessa produção, como por exemplo: Projeto selecionado pelo IAB DN para o Concurso Internacional para as Pessoas sem Teto, organizado pela UIA em 1980, Brighton, UK; segundo lugar no concurso nacional para o edifício sede do Banco do Nordeste, 1987; prêmio do concurso de projetos para a Praia de Ponta Negra, Natal RN, 1995; prêmio do concurso Favela Bairro (com Acácio Gil Borsoi), 1995; seleção de obras para exposição internacional do FLACAM, Barcelona, 1996; seleção de obras para a exposição Art Brésil, Líbano, 1997; apresentações nos SAL V e VI em Caracas e São Paulo, 1993 e 1995; no Congresso Pan-americano de Arquitetura em Brasília, 1996, no encontro do CIALP, Salvador, e bienais de São Paulo e Recife. A produção de Arquitetura 4 foi objeto de estudo de trabalho de conclusão de curso de graduação na UFPE (MUNIZ, 2009).

Desde 1998, é titular do escritório Vera Pires Roberto Ghione (VPRG) Arquitetos Associados, com atuação e premiações em diversos temas: Primeiro lugar no concurso para a Praça da Independência, Recife, 1998; primeiro lugar na Premiação Hotal Exposhow, Planejamento Turístico do Polo da Pedra, PE, 2000; Primeiro Lugar na categoria Habitação Unifamiliar, IAB PB, 2009; Primeiro lugar na categoria Habitação Multifamiliar, Prêmio Luiz Nunes, IAB PE, 2010; Primeiro lugar na categoria Arquitetura Comercial, Prêmio Luiz Nunes, IAB PE, 2010; Prêmio IAB PB na categoria Habitação Multifamiliar, 2012; Menção Honrosa IAB PB na categoria Habitação Unifamiliar, 2012; Prêmio International América Property Awards, Best Commended, projeto do edifício Costa Esmeralda, 2012. A produção do escritório VPRG Arquitetos foi objeto de estudo de uma dissertação de Mestrado na UFPE, desenvolvida pela arquiteta Marília Brito Muniz (2012).

A arquiteta atuou, também, como organizadora, curadora e realizadora de diversas exposições de arquitetura brasileira para eventos nacionais, como Conselheira do Conselho de Arquitetura e Urbanismo de Pernambuco (CAU/PE) entre 2012 e 2017 e como conselheira do Instituto dos Arquitetos do Brasil – Departamento de Pernambuco (IAB/PE) em diversas gestões desde 1992, sendo atualmente conselheira titular daquele Instituto.

Figura 1: Arquiteta Vera Pires.



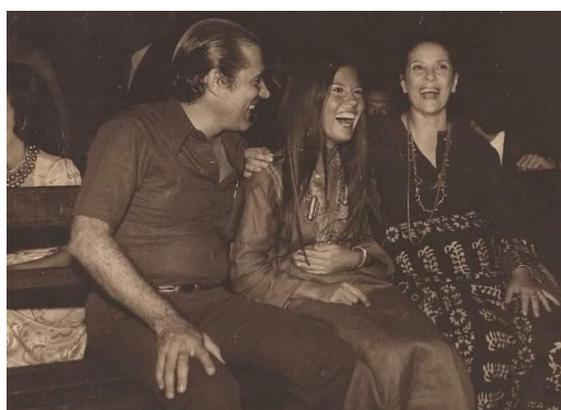
Fonte: Disponibilizada pela entrevistada (2021) <sup>2,3</sup>

## ENTREVISTA

**Maísa:** Na sua biografia, foi destacada a importância do escritório de Acácio Gil Borsoi e Janete Costa na sua formação. Como se deu esse diálogo e como ele repercutiu em sua obra, no âmbito do *Arquitetura 4* principalmente?

**Vera:** Sou formada pela UFPE, pois naquela época não havia curso de arquitetura em João Pessoa, onde tinha me mudado na adolescência para cursar o ensino médio.

Figura 2: Cerimônia de formatura, 1971. Na foto, Acácio Gil Borsoi, Vera Pires e Janete Costa.



Fonte: Disponibilizada por Vera Pires (2021)<sup>4</sup>.

Em paralelo, tive o privilégio de ser acolhida no escritório de Borsoi e Janete quando cursava o segundo ano da faculdade. A partir desse momento convivi com eles, que considero meus pais intelectuais, o resto da vida.

Sempre dediquei muito tempo ao escritório, inclusive ficando após o horário de expediente para estudar e analisar os projetos que estavam em desenvolvimento. Cabe lembrar que era uma época muito prolífica. O escritório de Borsoi e Janete era muito reconhecido, além de ponto de confluência de intelectuais e artistas, como Francisco Brennand, Marianne Peretti, Roberto Burle Marx, Vicente do Rego Monteiro, Paulo Autran, João Câmara, assim como muitas amigas de todo Brasil.

Portanto, considero minha formação essencialmente prática, baseada na convivência, na interação amigável em ambiente culturalmente ativo, mais que em teorias ou academicismos. Mantenho até hoje vínculos de amizade com colegas que, como eu, estagiamos ou colaboramos no escritório.

Foi nesse contexto de pessoas e cultura que me aproximei de Carmen, Clara e Liza. Nessa época de estágio, estávamos vinculadas com Janete. Em paralelo, algumas pessoas – familiares e amigos - encomendavam pequenos projetos, que desenvolvíamos fora do escritório.

Isso iniciou um relacionamento que nos levou à “ousadia” de formar um escritório independente, iniciativa que surpreendeu a própria Janete, pois nós quatro éramos sua equipe. Mas ela entendeu a necessidade de nos afirmar profissionalmente de forma autônoma.

Do contexto acadêmico tive a influência marcante, além de Borsoi, de Delfim Amorim no primeiro e segundo anos de faculdade, especialmente na introdução da arquitetura como manifestação cultural e no aprendizado das estratégias básicas de aproximação ao projeto; e de Armando Holanda, através da leitura do Roteiro para Construir no Nordeste.

Figura 3: Reencontro das integrantes originais de Arquitetura 4. Vera Pires, Liza Stacishin, Clara Calábria e Carmen Mayrinck, 1996.



Fonte: Disponibilizada por Vera Pires (2021)<sup>5</sup>.

Durante o Arquitetura 4, e por dificuldades financeiras, voltei a trabalhar com Borsoi como colaboradora durante quatro anos, meio expediente com ele e a outra metade com minhas sócias. Foi um período muito rico em capacitação, pois trabalhávamos lado a lado. Eu tenho habilidade para fazer perspectivas com certa rapidez e Borsoi se identificava com meus desenhos. Colaborei com ele na concepção de quase todos os projetos da época. Isso me deu muita segurança para projetar a partir do conhecimento tecnológico, do domínio das proporções e da qualificação dos espaços.

Borsoi sempre dizia “Arquitetura é construção que emociona”, interligando o saber técnico com a sensibilidade que pode causar emoções. Essa lição ficou em mim gravada para toda a vida e tento, até hoje, evidenciá-la nos projetos. Essa convivência me marcou profundamente, não apenas para fazer projetos, mas também nas festas, reuniões e viagens que realizamos junto com Janete. Uma verdadeira lição de vida, comprometida com a amizade, a solidariedade e a cultura.

Em relação aos projetos de arquitetura, o rigor técnico, o ofício de conhecer e explorar materiais e técnicas, o gosto pelo detalhe, a compreensão integral do projeto (de dentro para fora e vice-versa), o domínio das proporções, aprendi com ele.

Desde o Arquitetura 4 até hoje tento respeitar e enriquecer esses princípios do ofício de projetar através do rigor geométrico, da lógica construtiva e da integração dos espaços, subordinados à minha emotividade. Na

solução dos telhados, por exemplo, sempre procuro que a forma externa seja reflexo de uma espacialidade interior, evitando ocultar ou camuflar soluções. Entendo que um bom projeto é resultado de um adequado domínio dos materiais e técnicas construtivas, organizados com inteligência e sensibilidade.

Figura 4: Casa Lyra, Lajinha – AL, 1972. Arquitetura 4 (Carmen Mayrinc, Clara Calábria, Liza Stacishin e Vera Pires). Uma das primeiras obras em que se procura integrar modernidade com raízes locais.



Fonte: Disponibilizada por Vera Pires (2021)<sup>6</sup>.

**Maísa:** Qual a influência do Sertão da Paraíba na sua arquitetura? E das cidades de Recife/Olinda, em termos de paisagens e de arquitetura local?

**Vera:** Venho de Sousa, Sertão da Paraíba. Sou neta de fazendeiro e morei com minha mãe viúva nas casas da cidade e da fazenda do meu avô durante a infância e adolescência, com vivências que me marcam até hoje: a permanência e o convívio social nas varandas, os espaços amplos e arejados, a convivência com os moradores, o contato com a natureza, as casinhas com pessoas nas varandas no caminho da fazenda, o valor da ventilação cruzada, a mesa farta com produtos da terra, a sombra das árvores, o barulho da chuva nos telhados e o cheiro da terra molhada. Acho que essas vivências se apresentam, subliminarmente, na hora de projetar; tal vez uma necessidade de reviver na arquitetura os momentos gostosos da infância e adolescência.

Durante minha formação, aprendi que muitos conceitos da arquitetura moderna – em pleno apogeu no momento - como integração e continuidade dos espaços, transparências, espacialidade, relação entre interior e exterior, áreas de sombra, destaque para os espaços de transição entre dentro e fora, estavam latentes nas qualidades que vivenciava na casa da fazenda.

Figura 5: Casa Barros, Recife- PE, 2009. Vera Pires, Roberto Ghione. Sombras, transparência e ventilação cruzada. As memórias do Sertão presentes na arquitetura contemporânea.



Fonte: Disponibilizada por Vera Pires (2021)<sup>3</sup>.

Assim, sentia que as possibilidades que a arquitetura moderna propunha eram perfeitamente adaptáveis ao clima, à cultura, à paisagem e à exuberância deste país tropical, muito mais que ao hermético e frio contexto da Europa, onde tiveram origem. Essa circunstância facilitou, sem dúvidas, essa integração entre tradição e modernidade que caracteriza muitas das obras de Arquitetura 4.

Simultaneamente, desde criança adoro desenhar e pintar com lápis de cor; gostava de brincar com retraços de madeiras que pegava numa marcenaria, e de fazer casinhas com tijolos verdadeiros. Já adolescente, eu mesma desenhava minhas roupas (e as de amigas que me solicitavam), até tive uma encomenda do prefeito para decorar a cidade durante um carnaval.

Era evidente que meu destino era a Arquitetura, sem ter noção do que era durante minha vida em Sousa, até que um amigo que estudava em Recife me alertou aos 15 anos. Até então, meu objetivo era Belas Artes. Conteí também com o apoio incondicional da minha mãe, formidável, aberta e sensível, que me deu toda a força para iniciar meus estudos fora de Sousa o que, naquela época, era difícil, especialmente para uma mulher.

Já atuante com o Arquitetura 4, nunca cortei meus laços com a Paraíba, onde mora grande parte da minha família e realizo a maioria dos meus projetos até hoje.

Figura 6: Casa de praia, Serrambi – PE, 2010. Vera Pires e Roberto Ghione.  
Arquitetura sombreada, com integração entre espaços interiores e exteriores.



Fonte: Disponibilizada por Vera Pires (2021)<sup>3</sup>.

Sempre tive uma especial sensibilidade pelo lugar onde será implantado um projeto, aproveitando e respeitando suas potencialidades físicas e culturais: integração com as características urbanas, valorização das paisagens, adaptação à topografia, rigor com as orientações, procura permanente do conforto natural. Essa postura é permanente para qualquer paisagem e para qualquer cidade.

Figura7: Condomínio residencial, Gravatá- PE, 2010. Vera Pires e Roberto Ghione.  
Transparências, varandas e áreas de sombra em residências coletivas.



Fonte: Disponibilizada por Vera Pires (2021)<sup>3</sup>.

Mais do que Recife ou Olinda em particular, me considero habitante do Nordeste, região deste país tropical com diversidade de paisagens no litoral, agreste e sertão. Cada um com suas particularidades e potencialidades, que exigem soluções diferenciadas dentro de princípios que são permanentes.

**Maísa:** Em uma dissertação de mestrado, Marília Brito destaca uma “metodologia arquitetônica particular” ao grupo Arquitetura 4. Poderia nos falar um pouco mais sobre esse modo de projetar que foi característico ao grupo e elencar alguns exemplos ilustrativos?

**Vera:** Não sei se chamar exatamente “metodologia”, mais uma atitude profissional aberta ao desafio que significa cada projeto. Arquitetura é um contínuo aprendizado. Hoje sinto a mesma emoção, a mesma vibração que sentia no início da minha vida profissional perante cada nova encomenda.

Existem princípios básicos do ofício de projetar, que tento aperfeiçoar permanentemente, definem a consciência do que considero um bom projeto, e sempre coloquei no debate rico de ideias que tínhamos em Arquitetura 4. A sensibilização com o lugar, aproveitando todas suas potencialidades, é sempre o ponto de partida, complementada com o entendimento do programa e dos desejos do cliente.

O ofício de projetar me leva, naturalmente, a resolver o partido arquitetônico com a maior clareza possível, diferenciando áreas servidas e áreas de serviço, integrando espaços internos e externos, e garantindo o conforto natural em todos os ambientes.

Figura 8: Casa Gayoso, Recife-PE, 1984. Arquitetura 4 (Carmen Mayrinck, Liza Stacishin, Vera Pires).  
Transparências e espacialidade em projeto de partido centralizado.



Fonte: Disponibilizada por Vera Pires (2021)<sup>7</sup>.

Considero fundamental o sistema circulatório e de distribuição (da casa mais simples até o edifício mais complexo). Ele é a chave para resolver um projeto, não apenas desde um ponto de vista funcional ou operativo, mas como elemento qualificador da arquitetura e gerador das emoções de quem habita ou circula um edifício. É o espaço que acumula as vivências, as sensações e a percepção da arquitetura. Projeto sempre as circulações como eixos abertos, integrados com a paisagem e com espaços internos de alturas duplas, evitando situações de confinamento, explorando também os interstícios que resultam da articulação das partes de um edifício.

Talvez essa atitude em relação ao projeto dos espaços de circulação seja uma marca da minha produção, desde o Arquitetura 4 até hoje.

Figura 9: Casa Acioly, Porto de Galinhas-PE, 1987. Arquitetura 4 (Carmen Mayrinck, Vera Pires). Classicismo tropical, que explora a centralidade e as transparências.



Fonte: Disponibilizada por Vera Pires (2021)<sup>7</sup>.

Uma preocupação permanente é com o conforto natural e o bem-estar, com as percepções internas e externas, e com as vivências e sensações de quem usa ou habita a arquitetura. Uma visão humanizada, que me faz colocar as pessoas no centro das atenções. Dessa forma, entendo que a arquitetura nasce sustentável e apropriada.

No ato de projetar, não vejo os elementos da arquitetura apenas como objetos (porta, janela, ponte, varanda), mas como sensações e vivências (entrar, sair, atravessar/olhar uma paisagem, perceber uma integração de espaços, sentir uma brisa/circular, apreender uma espacialidade/ curtir uma sombra, desfrutar uma paisagem).

Figura 10: Casa Amaragi, Rio Formoso - PE, 1994. Arquitetura 4 (Carmen Mayrinck, Vera Pires). Articulação volumétrica, que integra espaços cobertos, semicobertos e abertos com a paisagem circundante.



Fonte: Disponibilizada por Vera Pires (2021)<sup>6</sup>.

Outras estratégias do ofício me levam ao rigor geométrico, que permite organizar o programa, decidir a estrutura e facilitar o processo construtivo; ao domínio das proporções, que favorece compor planos, volumes, cheios e vazios; à definição de estratégias de implantação, que propiciam ventilações cruzadas e conforto natural; e, especialmente, à inserção da luz, que qualifica os espaços internos.

Considero o projeto de uma casa um laboratório de ideias. Ele permite experimentar e verificar, em tempo relativamente curto, conceitos relacionados com a tecnologia, com a inserção no contexto, com a organização do partido arquitetônico e, principalmente, com a espacialidade, elemento essencial para produzir emoções. As casas projetadas desde os anos 1970 até hoje refletem essa experimentação constante de soluções.

Entendo, também, que a casa contempla a essência da arquitetura. Todo edifício, até a cidade, não deixa de ser uma casa ou a extensão dela. A natureza do habitar se materializa nela, outorgando transcendência ao cotidiano.

**Maísa:** *E o que muda na fase VPRG? O que essa nova parceria acrescentou à sua experiência profissional já bastante sólida antes dela?*

**Vera:** O contato e a parceria com Beto (Roberto Ghione) começaram nos Seminários de Arquitetura Latino Americana - SAL, nos encontros de Caracas, 1993, e São Paulo, 1995.

Os SAL reuniam, desde os anos 1980, um grupo de críticos, acadêmicos e profissionais arquitetos dos países de América Latina, que debatia a crise da arquitetura moderna e a necessidade de procurar caminhos próprios, que resultem na produção de arquitetura respeitosa das possibilidades técnicas e dos processos culturais locais.

Figura 11: Pousada em Gaibú-PE, 2004. Vera Pires e Roberto Ghione. Edifício organizado em torno de um vazio integrado com a paisagem. Arquitetura de telhados fragmentados, que se integram no contexto de casas pequenas de Gaibú.



Fonte: Disponibilizada por Vera Pires (2021)<sup>8</sup>.

Minha participação me permitiu verificar que os princípios de produção de Arquitetura 4, realizada durante 20 anos, eram objeto de debate e aprovação no contexto latino-americano. Isso consolidou minha segurança e confiança acerca dos processos que vinha desenvolvendo.

Em Caracas, fomos convidados a apresentar uma obra que realizamos com Marco Antônio Borsoi, Jeanne Brocos e Ariel Valmaggia. Já em São Paulo, apresentamos, com Clara, obras do Arquitetura 4, que foram motivo para outro convite de participação em uma exposição do FLACAM (Fórum Latino Americano de Ciências Ambientais) em Barcelona, em 1996.

O relacionamento com Beto foi muito natural. Com origens, idades e formações diferentes, temos conceitos similares e a mesma paixão pela arquitetura. Isso nos aproximou até a “loucura” de Beto reiniciar sua vida profissional no Brasil, desde 1998.

A produção de VPRG dá continuidade aos princípios de arquitetura integrada ao lugar, porém, com mais liberdade, mais espontaneidade. Os partidos centralizados e simétricos assumem outras possibilidades, outras dinâmicas. Os espaços interiores oferecem surpresas e variantes que enriquecem os projetos.

Figura 12: Edifício em Cabedelo-PB, 2011. Vera Pires e Roberto Ghione.  
Destaque para o coroamento com tipologias duplex de cobertas inclinadas, marcando o caráter residencial.



Fonte: Disponibilizada por Vera Pires (2021)<sup>3</sup>.

Beto estava, naquele momento, muito ligado à problemática urbanística, com experiências concretas na Argentina em planejamento urbano e no ensino, além de preservação do patrimônio.

Nosso primeiro projeto foi um concurso organizado pelo IAB/PE, a requalificação urbana da Praça da Independência no Recife. Ganhamos esse concurso (lamentavelmente não construído), que antecipava, em 1998, muitos dos assuntos do atual debate em relação à cidade.

Nesse debate, a inserção urbana dos edifícios e a superação da banalidade da arquitetura imobiliária que hoje se produz no país são objetos de preocupação e discussão permanente entre nós, especialmente para resolver esse difícil assunto que degrada a urbanidade das nossas cidades e favorece a exclusão social.

Figura 13: Área de lazer em hotel, Porto de Galinhas - PE, 2018. Vera Pires e Roberto Ghione.  
Exploração das possibilidades técnicas e plásticas de tecnologia da madeira.



Fonte: Disponibilizada por Vera Pires (2021)<sup>3</sup>.

Outro destaque é a concepção da arquitetura a partir do vazio: projetar o espaço, subordinando a ele a configuração do edifício, que passa a ser elemento de borda, não mais objeto central. Entendemos que um dos valores sublimes da arquitetura é sua capacidade de emocionar. A atenção à configuração do vazio, como estruturador de um projeto ou como qualificante dos interiores, é motivo de constante pesquisa e experimentação, pois consideramos que a emoção na arquitetura está justamente na configuração dos espaços.

A integração entre arquitetura e paisagem, já presente em Arquitetura 4, é outra marca da nossa produção, procurando incorporar elementos naturais à composição dos espaços, assim como expandir o edifício nas áreas abertas.

O respeito pelas arquiteturas existentes, valorizando e evidenciando as qualidades construtivas e espaciais, estimulando o diálogo com as novas intervenções, é outra atitude profissional.

Finalmente, a exploração da tecnologia da madeira no limite das possibilidades técnicas e plásticas, é resultado de oportunidades que se apresentaram em trabalhos recentes.

**Maísa:** *Sabemos que foram inúmeros e muito expressivos, mas se tivesse que escolher, para uma exposição sucinta, apenas cinco projetos mais representativos das diferentes fases e dos princípios norteadores de sua arquitetura, quais seriam esses cinco projetos e porque eles foram escolhidos?*

**Vera:** Vou fazer minha seleção baseada em critérios técnicos e também sensíveis, por obras pelas que tenho especial carinho:

Figura 14: Igreja do Bom Samaritano, Recife - PE, 1982.  
Projeto: Carmen Mayrinck, Clara Calábria, Liza Stacishin e Vera Pires. Participação: James Severson.  
Estrutura: Ariel Valmaggia. Cobogó e azulejos: Petrônio Cunha.



Fonte: Disponibilizada por Vera Pires (2021)<sup>6</sup>.

1) A **Igreja do Bom Samaritano** é um marco singular na produção do Arquitetura 4, obra que, na minha opinião, sintetiza o conceito de Modernidade Apropriada, muito debatido nos SAL, a partir dos postulados do arquiteto chileno Cristián Fernández Cox: uma modernidade da nossa circunstância latino-americana, explorando as possibilidades técnicas do nosso tempo e lugar, e expressando-as com a sensibilidade derivada das nossas limitações. Projeto compartilhado com James Severson, que foi quem articulou a encomenda; com Ariel Valmaggia, que calculou e construiu o parabolóide hiperbólico em cerâmica armada da cobertura (tecnologia original e econômica), e com Petrônio Cunha, que desenvolveu os painéis de cobogó que envolvem a igreja com motivos da liturgia anglicana, assim como os azulejos que qualificam o pátio, campanário e espaço exterior. A integração entre projeto de arquitetura, estrutura e artes plásticas é um atributo das melhores obras da modernidade latino-americana, realizada no Recife com os precários meios disponíveis e uma enorme vontade de fazer.

Figura 15: Galeria Comercial Casa Grande, Recife- PE, 2006.  
Projeto: Carmen Mayrinck, Vera Pires e Roberto Ghione. Participação: José Antônio do Amaral.



Fonte: Disponibilizada por Vera Pires (2021)<sup>3</sup>.

2) A **Galeria comercial Casa Grande** é um projeto iniciado com Carmen no Arquitetura 4, nos anos 1990, e finalizado com Beto em 2006, após a obra ficar parada durante muito tempo e mudar de dono.

Propõe superar certa banalidade da arquitetura comercial através de um edifício singelo, construído com materiais locais, apelando a recursos simples, como uma dupla fachada que permite controlar a incidência das placas comerciais, cobertura sombreada em madeira e telhas e, particularmente, o gesto urbano de criar uma pracinha de esquina que celebra uma árvore existente. A oportunidade de contribuir sensivelmente com a qualificação do espaço urbano é um desafio do nosso tempo, considerando a degradação das nossas cidades. O fato de ter conseguido algum aporte urbanístico com este edifício tão singelo me produz grande satisfação.

Figura 16: Casa de Graça e Cláudio, Recife- PE, 2014. Projeto: Vera Pires e Roberto Ghione.



Fonte: Disponibilizada por Vera Pires (2021)<sup>3</sup>.

3) Projetar para um casal amigo é um desafio profissional, mas também um processo que envolve aspectos emotivos do relacionamento com pessoas queridas. A **casa de Graça e Cláudio** é resultado de um processo que integra sensibilidades: a de quem projeta e a de quem solicita. Em especial, a sensibilidade de Graça, cujos anelos de celebrar memórias da infância de morar em casa com pátio e varanda, ventilada, transparente e integrada com a natureza, coincidem plenamente com nossos valores acerca do que consideramos um bom projeto de arquitetura. Atitudes desprendidas e muito diálogo gostoso culminaram no partido de uma casa-pátio, plenamente integrada com a vegetação exuberante do lugar. O resultado não foi imediato: dois bons projetos foram descartados até o resultado final. Um bom projeto depende e um bom cliente, seguro de seus anelos e objetivos. “Casa sincera”: esse é o nome com que Graça e Cláudio batizaram sua casa. Sinceridade no processo, nos objetivos e na materialização, com todos os materiais evidentes, sem decoração, sem ocultar nem camuflar. Sinceridade derivada do respeito e carinho de uma amizade genuína.

Figura 17: Casa Stropp, João Pessoa - PB, 2015. Projeto: Vera Pires e Roberto Ghione.



Fonte: Disponibilizada por Vera Pires (2021)<sup>9</sup>.

4) Terreno difícil e programa complexo são ótimos desafios para projetar: exigem a mente aberta e a disposição de pesquisar soluções não convencionais. A **casa Stropp** se organiza ao redor de um pátio de acesso, espaço aberto em desnível que articula o sistema de movimentos e congrega todos os ambientes. A articulação de volumes que exploram diversas inclinações de cobertas resulta em uma composição plástica singular e variada. Partido diferenciado que integra espaços abertos e cobertos, explora transparências e favorece o conforto natural através de soluções de ventilação que qualificam a espacialidade e a diversidade de ambientes interiores.

Figura 18: Capela Santa Clara, Ipojuca - PE, 2012. Projeto: Vera Pires e Roberto Ghione.



Fonte: Disponibilizada por Vera Pires (2021)<sup>3</sup>.

5) As limitações materiais são um excelente desafio que permite aprofundar e valorizar a essência da arquitetura, especialmente o exercício das proporções, o jogo da luz e da sombra, os recursos de conforto natural e a máxima racionalidade na organização da matéria. “Menos é mais”, o famoso ditado modernista de Mies Van der Rohe, se traduz em “Fazer muito com muito pouco”, realidade das periferias e comunidades do Brasil. **Capela Santa Clara** foi uma oportunidade de exercitar esses princípios. Projeto e obra construída realizados através de doações, a proposta procura materializar, com os elementos mínimos, as emoções de uma experiência arquitetônica.

**Maísa:** E, por fim, em sintonia com um dos focos principais dessa série de entrevistas, na sua experiência profissional, foi ou ainda tem sido difícil ser mulher arquiteta? Como você vivencia (ou) essa questão de gênero na profissão? Haveria limitações/restrições? Ou não foi, nem é mais o caso?

**Vera:** A experiência do Arquitetura 4 nos colocou na realidade de atuar num contexto de domínio masculino. No início, vários aspectos nos favoreceram: a formação prática privilegiada que tivemos com Janete e Borsoi, a existência de poucos escritórios na época, a energia e a vontade das quatro integrantes juntas, e a necessidade de redobrar esforços para conquistar a confiança dos nossos clientes (justamente por sermos mulheres). Esse último aspecto, que poderíamos considerar negativo (pois tínhamos que trabalhar em dobro para demonstrar nossa preparação), favoreceu nossa capacitação e estimulou nossa entrega. Sempre valorizei o trabalho bem feito acima de interesses econômicos ou de promoção profissional.

Figura 19: Casas de praia, Cabedelo- PB, 2004.

Projeto: Vera Pires e Roberto Ghione. Sequência volumétrica integrada com a paisagem.



Fonte: Disponibilizada por Vera Pires (2021)<sup>9</sup>.

Durante o Arquitetura 4, fizemos muitos projetos, muito variados. O que consolidou nossa atuação no início foram as casas. A dedicação e o carinho por esses projetos, talvez desde nossa visão feminina, permitiu abrir e consolidar um importante campo de atuação, que posteriormente derivou para outras encomendas de maior complexidade, através da captação de projetos em outros estados, concorrendo com reconhecidos escritórios da região.

Figura 20: Casa de praia, Pitimbu- PB, 2014. Vera Pires e Roberto Ghione. Exploração das possibilidades técnicas e plásticas da tecnologia da madeira.



Fonte: Disponibilizada por Vera Pires (2021)<sup>9</sup>.

A participação em concursos nacionais e internacionais consolidou novos espaços de atuação. O segundo prêmio obtido no concurso regional para a sede da Caixa Econômica Federal da Paraíba (1980), e o segundo prêmio do Concurso Nacional para o Banco do Nordeste (1982), abriram caminhos para projetar muitas agências da Caixa Econômica Federal e do Banco do Brasil na Paraíba, Pernambuco, Bahia, Alagoas e Rio Grande do Norte. Junto com os projetos para a Caixa Econômica Federal, assumíamos também a coordenação e a certificação das obras, num contexto de mútuo respeito com os projetistas complementares e contratados na totalidade homens, permitindo garantir a qualidade da arquitetura.

Hoje, trabalhando com Beto, sinto grande reconhecimento dos nossos clientes, baseado na experiência e na dedicação, mas sempre se filtra, inconscientemente, algum resquício de discriminação, que não sentia no Arquitetura 4. São situações que considero involuntárias, reflexo de uma cultura ancestral de domínio masculino, que não se muda em pouco tempo.

Por isso, acho importantíssimos os processos de reivindicação feminina, uma das lutas do século XXI destinada a integrar conhecimentos e sensibilidades, que acredito terá frutos plenos de aqui a uma ou duas gerações.

Figura 21: Edifício comercial, Recife- PE, 1998. Carmen Mayrinck, Vera Pires e Roberto Ghione.  
Espacialidade vertical integrada com árvore existente.



Fonte: Disponibilizada por Vera Pires (2021)<sup>3</sup>.

**Maísa:** Há algum aspecto que gostaria de complementar/destacar para os nossos leitores?

**Vera:** Um aspecto que me preocupa e considero importante é a valorização e o compromisso social da nossa profissão. Nossa atuação convencional através de escritórios atinge apenas 15% da sociedade. Isso nos desvaloriza enquanto profissionais que atendem apenas as classes mais favorecidas, e desvaloriza a arquitetura, considerada por muitos uma profissão elitizada, alheia às reais necessidades da maioria das pessoas.

Figura 22: Capela em casa de fazenda, Galante- PB, 2008. Vera Pires e Roberto Ghione. Integração entre arquitetura e paisagem.



Fonte: Disponibilizada por Vera Pires (2021)<sup>3</sup>.

Quando vejo a degradação urbana das nossas cidades nas periferias e favelas carentes de condições de habitabilidade, assim como na chamada “cidade formal”, com a banalidade dos edifícios anti-urbanos e defensivos, que estimulam a violência e a exclusão, fico triste em constatar quanto conhecimento, energia e oportunidades ainda não aproveitados temos como profissionais da arquitetura e urbanismo. Nós, arquitetas e arquitetos que atuam em escritórios, ficamos reféns dessa situação e, em certa medida, viramos cúmplices de um sistema que tende a perpetuar a segregação, a desagregação e os conflitos sociais.

Figura 23: Casas de praia, Enseada dos Corais- PE, 1988. Vera Pires e Gilson Gonçalves. Referências das tipologias de sobrados para quatro casas de praia.



Fonte: Disponibilizada por Vera Pires (2021)<sup>3</sup>.

Vejo uma luz de esperança em colegas jovens, que lutam pelos ideais de uma sociedade melhor, mais justa e integrada, menos desigual, mais inclusiva e solidária. Encarnam as utopias deste século XXI no campo da habitação e da cidade ainda de maneira desigual, organizando suas energias em coletivos de atuação voluntária. Isso representa uma primeira grande mudança: a substituição da competitividade do escritório

pela solidariedade do coletivo, novos paradigmas que canalizarão a atuação em arquitetura e urbanismo comprometida com a justiça social e com o desenvolvimento genuíno do país.

Figura 24: Laboratório em Campina Grande- PB, 2000. Vera Pires e Roberto Ghione. Reabilitação de casa moderna e integração com nova arquitetura.



Fonte: Disponibilizada por Vera Pires (2021)<sup>3</sup>.

Quero destacar também minha participação permanente, desde 1992, no IAB, entidade que me abriu novos horizontes e conhecimentos relacionados com o compromisso social da profissão e a consideração da arquitetura como manifestação cultural da nossa sociedade.

E, por fim, deixar aos estudantes e jovens colegas uma mensagem de estímulo, de entrega e de compromisso com o trabalho qualificado. Fazer sempre o melhor possível, sem medir esforços nem importar o tamanho ou a suposta importância de um serviço profissional.

E também ressaltar a necessidade da capacitação continuada. Arquitetura, assim como a vida, é um aprendizado permanente. A obtenção do diploma é apenas o ponto de partida do conhecimento de uma profissão riquíssima, que envolve saberes técnicos, humanísticos e artísticos.

## REFERÊNCIAS

MUNIZ, M. B. O Escritório Arquitetura 4: Continuidade e Mudança na Arquitetura Residencial no NE (1973-1997). Trabalho de Graduação, Recife, CAU/DAU/UFPE, 2009.

\_\_\_\_\_. A experiência residencial na obra de Vera Pires e Roberto Ghione, 1998-2012. Dissertação de Mestrado. Recife, MDU/UFPE, 2012.

## NOTAS

<sup>1</sup> Informações disponibilizadas pela autora em minibiografia solicitada pela Editoria.

<sup>2</sup> As imagens constantes desse texto foram disponibilizadas pela entrevistada e são de sua responsabilidade, tendo sido essa Revista por ela autorizada a publicá-las.

<sup>3</sup> Créditos das fotos das Figuras 1, 5, 6, 7, 12, 13, 15, 16, 18, 19, 21, 22, 23, 24: Arquivo escritório VPRG / Roberto Ghione.

<sup>4</sup> Créditos da foto da Figura 2: Arquivo escritório Borsoi Costa.

<sup>5</sup> Créditos da foto da Figura 3: Arquivo escritório Arquitetura 4 / Luiz Vieira.

<sup>6</sup> Créditos das fotos das Figuras 4, 10, 14: Arquivo escritório Arquitetura 4 / Carmen Mayrinck.

<sup>7</sup> Créditos das fotos das Figuras 8, 9: Arquivo escritório Arquitetura 4 / Luiz Gonzaga.

<sup>8</sup> Créditos da foto da Figura 11: Arquivo pousada Caravelas de Pinzón.

<sup>9</sup> Créditos das fotos das Figuras 17, 20: Vilmar Costa.